

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH
Departamento de Letras – DL

Disciplina: Discurso literário – criação, edição e consumo (060348-A)

Autoria: membro da equipe Leitura Profissional[®]
(leituraprofissional@gmail.com)

Título: Exercício de “escrita contínua” a partir de excerto intitulado
‘o último laboratório...’ – livre criação.

Acordei naquela manhã com o ruído corriqueiro do rádio do apartamento vizinho. Um rádio-relógio que pontualmente me despertava em meio a notícias matutinas narradas sempre por aquela mesma voz. O mesmo tom grave e firme toda vez que o sol se angulava às 6 horas por entre as frestas da cortina atingindo-me os olhos em algum momento do despertar vagaroso. Probabilidades. Fiz os cálculos e estou prestes a descobrir a hora exata em que esses raios cotidianamente me iluminam as pálpebras... *BOM DIA, OUVINTE! Está no ar o Jornal da Alvorada, transmitido na frequência 95,4 Mhz direto da esquina da torre para te informar sobre os últimos acontecimentos locais e mundiais...* Certo. Bom dia.

Idosa é resgatada de árvore no bairro SHHHH... Aos bombeiros a vovó disse que sofreu uma tentativa de sequestro em seu quarto e que aquele foi o único local seguro que encontrou. Familiares informaram que ela tem surtos em função de distúrbios mentais e que já providenciaram o fechamento do cômodo da biblioteca onde tinha por hábito ler vorazmente os romances policiais de Agatha Christie... Não. Péssimo dia.

Meu prazo está acabando e aquele projeto parece nunca chegar ao fim. As ideias se esgotaram, todas elas. Me isolei e nem assim a Musa me faz companhia. Musa mundana! Se eu não tivesse ambições aposto

que me encontraria na primeira espelunca para soprar o que preciso escrever. Velhas surtadas em galhos de árvore já não vendem como antigamente, se é que um dia venderam.

Dinheiro. Me anteciparam tudo o que podiam e cá estou sem meios de devolver o investimento que fizeram. Céus! Também, pudera, uma epopeia sobre o sujeito moderno... O que há de heroico e sublime em qualquer pessoa hoje?! Projeto infame. Por que bulhufas não propus o roteiro de um novo Inferno de Dante, muito mais fácil, definitivamente. Sobra maldade no mundo e os leitores adoram isso. Coloco toda a maldade justificada em mentes perturbadas por sociedades e famílias desestruturadas e, *voilà!*, publico best-seller com adaptações para o cinema, o teatro e os quadrinhos. Merda. Epopeia...

TZZZZ... Malandro é atingido com um tiro no peito antes da meia-noite. A suspeita é de que tivesse roubado casais que jantavam no Dia dos Namorados. Isso mesmo! Não se pode mais ter paz nem quando se está sendo romântico?! Policiais informaram que a ficha do sujeito estava cheia de pequenos delitos. Bandido bom é bandido morto, minha gente... Merda. Tá vendo! Com tanto sangue logo às 6 da manhã como sobrevive um escritor? É isso. Ilíada e Odisseia só podem mesmo soar demodê hoje. Ninguém mais é preto-nobranco, não há mais mocinhos e mocinhas, não há possibilidade de regeneração... Sem ingenuidade o quê se faz no mundo?! E se defendo malandros sou "da pá virada", e se ofendo policiais sou "comunista", e se questiono valores de minorias para polemizar e pensar sou “fascista”... Melhor nem falar da porra do Dia dos Namorados, até porque sou mal amado. Ô, mundinho mais sem sal...

Medusa é que é feliz. Tá lá, na janela, se espreguiçando e pensando em como a minha vida é medíocre, como os Homens se

contentam em viver com a ilusão de que vivem... Aquele seu olhar de superioridade me congela, quem diria que esse seria o nome perfeito para a gatinha que até a semana passada estava mendigando por migalhas. Mendigar... Musa, ó, Musa! Me diz, me mande um sinal sobre como se escreve uma epopeia em tempos de heróis mortos!

Não adianta. A quem estou querendo enganar? Na verdade, quero enganar todo mundo, mas preciso de um bom causo. Já li todos os teóricos, já reli os clássicos greco-romanos, já li textos épicos portugueses, africanos, brasileiros... Desde quando os leitores são espertos, afinal? Se eu escrever qualquer coisa a equipe do *marketing* dá um jeito, sempre dão. Não há motivo para crises afinal.

A crítica, esta é que é feroz. Sempre querendo o seu quinhão em cima de nós, mundanos. Mas foda-se a crítica também que o que importa é eu ganhar em tiragens o suficiente para dar conforto à minha família... Um dia terei uma família e estarei feliz escrevendo meus textos na varanda, assinando tudo com meu nome, tendo o meu próprio laboratório de textos, a minha biblioteca catalogada e terei até tempo para ser altruísta e dar oficinas formando novos escritores... É questão de tempo.

Épica. Não vivemos em um tempo épico. Sobram mitos, é verdade, mas faltam eventos que possam ser transcritos em feitos. São tantos defeitos... Não temos, e povo algum possui, um passado glorioso que mereça ser narrado, ainda mais por meio de versos meticulosamente metrificados. Quem tem bom passado narra em voz, não na escrita, mas estão morrendo à míngua...

Acho que o rádio do vizinho saiu do ar, está tudo tão silencioso. Quase que escuto meus pensamentos. Qual a origem disso tudo, hein? Se vivemos de mitos, qual a origem deles? Quem são os novos heróis

nacionais? Foram essas as questões que me propus responder no roteiro do meu livro-épico-da-pós-modernidade-pós-humana. Por que resolvi vendê-lo? Por que não me contentei em deixá-lo na gaveta...

E por que me isolei do mundo para escrever isso que não passa da ficção mais bem cenografada de um eventual mundo? Se Camões deu luz aos seus barões assinalados em meio a conflitos militares e navegações, se as tentativas de uma epopeia brasileira surgiram das mãos de padres e bacharéis formados em Coimbra, se Homero tende mais a personagem do que a autor, por que é que eu, mortal em demasia, tenho que cumprir essa missão?! DE-SIS-TO.

Vou fumar e comer algo que ganho mais. Não há receita para epopeias... Só é possível escrevê-las em transe, provavelmente. Há quantos meses eu sequer transo... Medusa! O que acontece conosco, hein? *Alô, é da Padaria Esperança? Isso, ele mesmo. Pode me trazer uma caneca de pingado com pão-na-chapa? Obrigado, estou esperando.*

CRRRRRR... Localizada na antiga cidade de Delfos, cientistas comprovam que o templo religioso dedicado a Apolo, lugar de concentração de peregrinos na Grécia antiga, emana ainda hoje gases que, em contato com as formações rochosas do local, possuem efeito alucinógeno. Nova expedição estudou o subterrâneo da região onde, segundo registros, funcionava o famoso oráculo de Delfos, abrigo de sacerdotisas que tinham o dom de dar respostas a todos os problemas após inalarem o gás "sagrado" e... TZZZZZIUM... Localizaram também o que seria a oficina de escritores do período, indício parcialmente confirmado diante do achado de pedaços de manuscritos em grego arcaico contendo o que... BRRRR... SHHHHHHHH... trechos das epopeias de Homero que... TZZZZZZ... Merda! TUM-TUM-TUM! Vizinhooooo, ow! TUM-TUM-TUM arruma esse rádio! Qual frequência é essa? Ei! Tá me ouvindo? Droga! Parede de merda! ...o maior achado foi denominado "O

"último laboratório" em alusão ao que poderia ser um dos locais usados por Homero para... TZZZZZZZ...

Droga! Por que é que não conheço meus vizinhos!? Merda. "O último laboratório", "cidade de Delfos", melhor anotar antes que eu esqueça. Estou tão cansado disso.

...E a porra do *Google* só sabe me mostrar anúncios de laboratórios gregos de próteses dentárias, grande bosta! Anúncios pagos de merda! Calma. Medusa! Vem cá... Você acha que de repente esse gás de Delfos teria influenciado Homero na escrita da Ilíada e da Odisseia? Não me olhe assim... Eu sei, você tá certa de novo, não tem nada a ver, mas é que... Bom, sabe, pode ser uma das origens da escrita desses textos épicos e... Volta aqui! Não terminei de falar com você ainda... Ingrata!

Melhor eu deitar um pouco e pensar na vida.

(...) a seguir, excerto utilizado como origem da história com intervenções destacas em preto/negrito

O último laboratório, repetia para mim mesmo. A última oficina. Um pouco perdido, eu agarrava essas palavras como se minha consciência se recusasse a aceitá-las. Contudo, ao mesmo tempo minha cabeça se pusera em movimento, tomada por um turbilhão louco, com as paradas e os retornos bruscos próprios do estado febril. No rádio a voz voltava a discorrer, porém eu já não a ouvia mais. A última oficina do mundo, falei em voz alta dessa vez, como para arrancar meu espírito de seu torpor. Já corria perigo. Era preciso aproveitar antes que fosse tarde demais. Antes que caísse em ruínas, fosse recoberta pela areia ou pelo véu do esquecimento.

Eu me surpreendi andando pelo quarto em todas as direções. Gostaria de pensar mais demoradamente sobre esse caso, porém era impossível. Meu Deus, precisamos nos apressar!, dizia para mim mesmo. Precisamos ir para lá o quanto antes. Descobrir esse laboratório antigo. Milenar, **Medusa, milenar!, gritei.** Ver de perto como no microscópio, ouvir como no estetoscópio a maneira pela qual era produzida a cera, a medula homérica, depois, dali, nos bastaria um passo para decifrar o próprio enigma de Homero.

Silêncio!, ordenei-me logo. Nenhuma palavra sobre isso a ninguém. Tirando Max Roth... **Ele certamente tem os meios para nos financiar, viu, Medusinha?**

Minha cabeça continuava fervilhando. Já não era um cérebro, e sim alguma coisa parecida com as cataratas do Niágara. Como isso ainda não havia ocorrido a ninguém? Ia analisar e estudar *in loco* um dos mecanismos milenares que produziam esse material mágico. E o milagre se realizava ainda em nossa época, enquanto eles, em Manhattan, Paris, Dublin, a milhares de quilômetros desse local, continuavam se dedicando a discussões estéreis.

(...) **fim do excerto-origem e continuação das intervenções**

Medusa, faça as malas. Nós vamos voar!, gritei resoluto. Ainda hoje procuro pelo bancário e aviso a editora de que tenho um novo plano para finalizar esse projeto. A epopeia de um homem atrás da medula homérica das epopeias. Metalinguagem está na moda ainda, Medusa? Foda-se. Isso dá *marketing*, é o que importa.

... E o governo confirma o início da greve geral nos aeroportos do país a partir de hoje. As empresas aéreas pedem paciência aos clientes e informam que estão articulando esforços para ressarcir eventuais prejuízos que sejam de sua alcada. Voltamos mais tarde com mais notícias no jornal da tarde, às 14h. Fiquem agora, queridos ouvintes, com a nossa lista das Dez Mais...

CONTINUA...

PERCEPÇÕES DA ESTUDANTE

(pitacos e reflexões vãs)

Escrever um texto que “soe” literário, tal como nos foi proposto, exige a mobilização de conhecimentos que não são da alcada apenas da imaginação do autor. A ideia, por vezes repetida por escritores, de que “o livro estava todo na minha cabeça” não é real, portanto, pois que na cabeça do escritor muito mais há de existir para além do fio narrativo de determinada história. Assim, este exercício de escrita reiterou as percepções particulares que já possuía quanto ao árduo trabalho de *pesquisa* e *copia-e-cola* desenvolvido por escritores.

No tocante à minha carreira profissional, afirmo-me realizadora de **Leitura Profissional®** de textos, pois para além da revisão ‘gramatical’ acredito que há o papel em si do revisor, que prefiro denominar jocosamente de “leitor palpiteiro e provocador”, aquele que mobiliza todo seu arcabouço cultural de ordem pessoal para o exercício da leitura e, mais, para o exercício da compreensão crítica visando o aprimoramento dos textos nos quais trabalha em busca de atingir diferentes objetivos; mais próximo, então, do ideal investido em profissionais como os *editores*. Me pego agora observando melhor meu próprio trabalho, que inclui uns tantos livros “de literatura” em poesia e prosa escritos na modalidade *ghostwriter*, um dos quais possui tiragem de uns bons milhares, muitos já vendidos, o que é um *feito* para o mercado editorial brasileiro que estou tentando entender... E é também uma

prova a mais com relação a certo ‘fetiche’ em ser escritor hoje, o que leva alguns a contratarem meus serviços enquanto se preocupam com coquetéis de lançamento...

Nesse sentido, por ser leitora voraz de textos de natureza diversa, embora eu não me inscreva como autora nos textos-fantomas que publico, percebo certa facilidade em “fazer soar” um texto de tal ou qual maneira (mais científico, jurídico, literário, religioso, informal...) percebendo, inclusive, o desenvolvimento e o aprimoramento de certas estratégias de leitura/escrita para alcançar este fim, o que tenho me esforçado por sistematizar visando os serviços de revisão/tradução/criação de textos nos quais estou imersa junto a minha equipe.

Pontuo isto porque o exercício de “escrita contínua” mobiliza estas habilidades, sobretudo a que aperfeiçoa a competência para “unir retalhos” de um texto, afinal, o que são os textos senão um grande alinhavar de retalhos de ideias, né?

Ao mesmo tempo, há coisas que não podem ser encontradas fora do texto. Expressões do trecho original como “antes que caísse em ruínas, fosse recoberta pela areia ou pelo véu do esquecimento” dão certa unidade temporal ao que deverá ser escrito, pois há um tempo presente e há algo “milenar” que precisa ser encontrado. O mesmo diante de expressões como “a maneira pela qual era produzida a cera, a medula homérica”, que remete necessariamente a epopeias ocidentais e, ainda, “enigma de Homero”, que reforça a ideia do grego Homero como ao menos um fio condutor, senão personagem na narrativa.

Um escritor poderia subverter essas informações, mas para isso é necessário o esforço de criação de outro universo fictício. É necessária a criação de uma cenografia alheia ao *status* ainda hoje dado aos textos clássicos e à imagem de Homero, neste caso. Talvez tal criação de um novo mundo fictício tampouco pudesse ser arbitrária diante do risco iminente de questionamentos ao autor sobre as suas “referências literárias”, talvez não, se a circulação do texto não contemplar um público que tenha apropriação de tal dado cultural... Enfim, pitacos dados.